

A guerra é um camaleão

A metáfora canónica de Clausewitz quer dizer que a guerra, o domínio electivo das paixões e da razão, está sempre a mudar de forma.

Carlos Gaspar | Público | 22 de fevereiro de 2023

A guerra da Ucrânia, que tem surpreendido tudo e todos nos últimos doze meses, é um camaleão. Desde logo, ninguém esperava que houvesse uma guerra. Em Moscovo, em Berlim ou em Washington todos antecipavam a vitória da intervenção russa. O método da decapitação do regime político, ensaiado pelo Kremlin em Praga ou em Cabul, devia garantir a instalação imediata de um regime satélite em Kiyv. Porém, o golpe de mão das forças especiais russas falhou e a "quinta coluna" pró-russa foi neutralizada.

Mesmo assim, as duas colunas militares russas que se dirigiam para Kiyv deviam poder ocupar rapidamente a capital, mas foram imobilizadas pelas forças ucranianas e tiveram de recuar para se reconcentrar no Leste e no Sul da Ucrânia. Contra as expectativas, a invasão da Ucrânia pela Rússia marcou o início de uma guerra de alta intensidade, a primeira na Europa do pós-guerra.

Por outro lado, ninguém esperava a resistência da Ucrânia. A metamorfose do Presidente Zelensky num senhor da guerra, a qualidade das estratégias ucranianas e o levantamento em massa da nação ucraniana surpreenderam os seus inimigos e os seus amigos. Nas vésperas da invasão, o Presidente Putin declarou que não existia uma nação ucraniana separada da nação russa, enquanto as autoridades norte-americanas se preparavam para reconhecer o governo ucraniano no exílio: Zelensky não fugiu e a guerra confirmou o nascimento da nação ucraniana.

Entre os erros de Moscovo, que não tinha uma estratégia alternativa para travar uma guerra prolongada, e a determinação de Kiyv que não tinha uma estratégia alternativa à defesa do Estado, a conquista da Ucrânia ficou definitivamente comprometida. Nos meses seguintes, as forças russas perderam a iniciativa estratégica, perderam Kharkiv e Kherson e perderam dezenas de milhares de soldados. Com a anexação dos distritos de Donetsk, Luhansk, Zaporijjia e Kherson, em 30 de Setembro, Moscovo reconheceu o fracasso da sua estratégia e entrincheirou-se nos territórios ocupados.

Por último, ninguém esperava a unidade ocidental contra a agressão russa, que transformou a invasão numa guerra entre as democracias e as autocracias. Os Estados Unidos não conseguiram impedir a invasão russa, mas puderam mobilizar a aliança ocidental para assegurar a sobrevivência da Ucrânia e impedir a escalada da guerra. A Alemanha e o Japão mudaram as suas políticas de defesa para voltarem a ser os principais aliados dos Estados Unidos na contenção das autocracias na Europa e na Ásia.

As sucessivas levas de sanções contra a Rússia, concertadas entre os Estados Unidos, o G7 e a União Europeia, demonstraram a unidade das democracias. A Alemanha ultrapassou a dependência energética da autocracia russa. A União Europeia reconheceu a Ucrânia e a Moldova como Estados democráticos candidatos à adesão. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e os membros do Grupo de Contacto para a Defesa da Ucrânia enviam para a Ucrânia os meios necessários para reforçar as suas capacidades militares. A opinião pública escolheu o lado da democracia ucraniana e obrigou os responsáveis europeus a escolher a defesa da liberdade.

A guerra pode terminar amanhã, se Putin der ordem para a retirada das tropas invasoras. Porém, tudo indica que não o pode fazer sem pôr em causa o seu regime político, cuja razão de ser se passou a confundir com a guerra.

A guerra da Ucrânia vai continuar a mudar nos próximos meses. Em primeiro lugar, Moscovo aprendeu com os seus erros: a reestruturação dos comandos, a mobilização de 300 mil soldados e o recrutamento de novas forças mercenárias, a reconstituição das unidades blindadas e o reforço das linhas de defesa nos territórios ocupados confirmam a sua vontade de recuperar a iniciativa estratégica. A Rússia não tem condições para conquistar a Ucrânia, mas pode passar à ofensiva se as forças ucranianas não puderem contar com os sistemas de armas ocidentais mais avançados para contrabalançar a superioridade numérica das forças russas.

Em segundo lugar, persistem os riscos de escalada. A escalada vertical, com recurso às armas nucleares táticas, é improvável, não obstante as tentativas russas de intimidação. A escalada horizontal não é impossível, com a intervenção do Irão ou da China ao lado da Rússia, sobretudo se estiver em causa a sobrevivência de Putin. Nesse quadro, as tensões permanentes no Golfo Pérsico ou no Estreito da Formosa podem dar origem a crises paralelas para pôr à prova a capacidade de resposta dos Estados Unidos e dos seus aliados, empenhados a fundo na defesa da Ucrânia e na frente europeia.

Em terceiro lugar, a unidade das democracias pode ser posta em causa pelas divisões crescentes entre o "partido da paz", mais forte na França ou na Alemanha, e o "partido da justiça", mais forte na Grã-Bretanha ou na Polónia. Essas divisões têm prejudicado as decisões sobre o envio de novas armas para as forças ucranianas e podem paralisar o consenso das democracias sobre a necessidade de conter a contra-ofensiva da Rússia. O "partido da paz" quer um acordo a todo o custo, sem exigir o recuo das forças russas para as posições que ocupava antes da invasão e sem garantir que os aliados ocidentais possam assegurar a independência, a integridade e a segurança da Ucrânia. Nesses termos, a cessação das hostilidades não é mais do que um curto intervalo para preparar a próxima ofensiva russa. O "partido da justiça" quer evitar a vitória da Rússia a todo o custo e as suas condições de paz só podem ser impostas se a estratégia de Putin for derrotada, o que não está assegurado. Nesses termos, é preciso antecipar uma guerra longa, onde os riscos de escalada podem aumentar.

A paz não é possível enquanto nenhuma das partes desistir da vitória e, em todo o caso, é improvável com a Rússia de Putin, mais preparada do que a Ucrânia para uma guerra sem fim à vista.

<https://www.publico.pt/2023/02/22/mundo/cronica/guerra-camaleao-2039736>